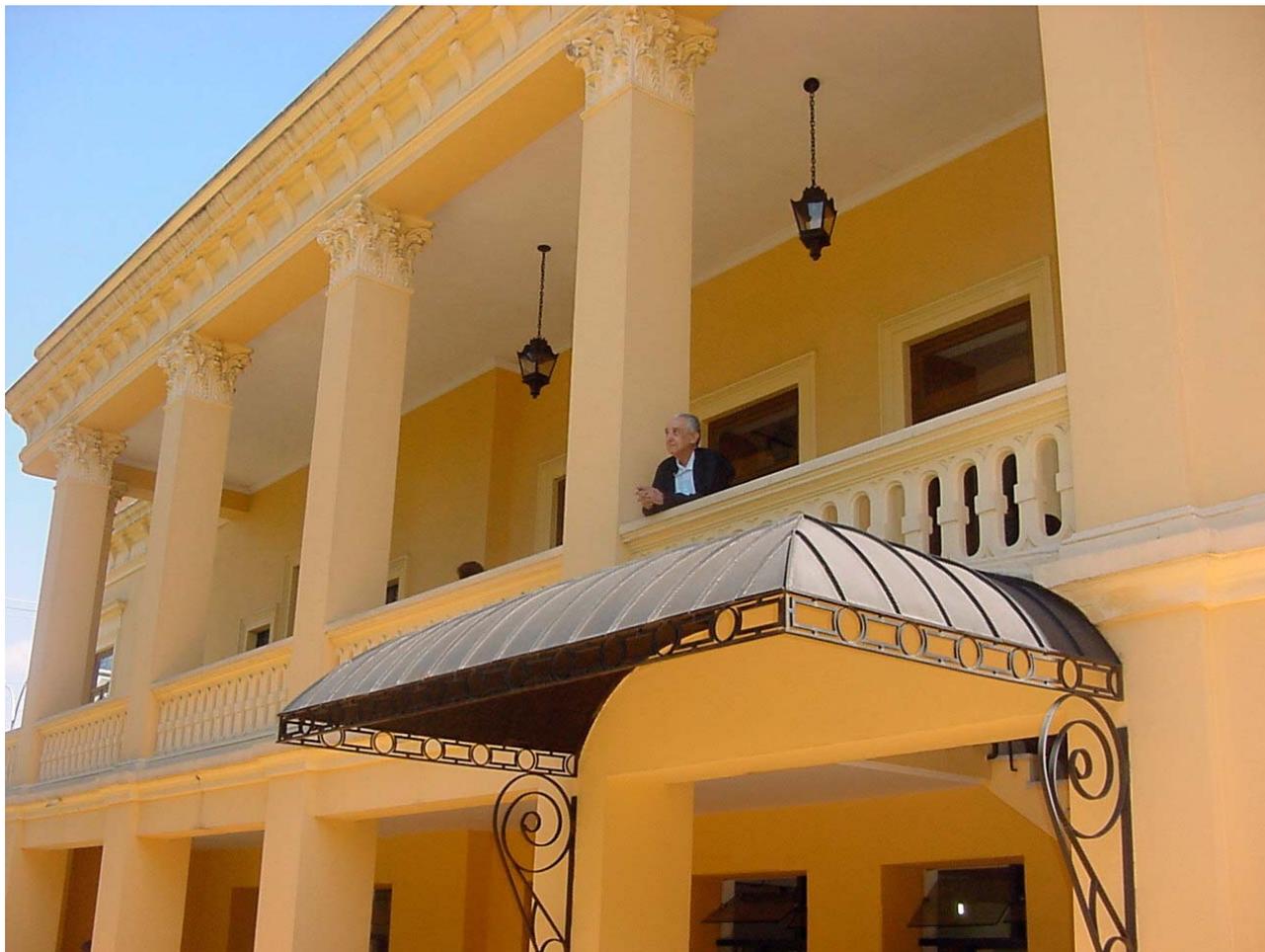


## Depoimento de Joaquim Francisco Malheiro de Camargo Lima



Sr. Joaquim Francisco Malheiro de Camargo Lima, na sacada do Centro de Referência em Educação Mario Covas – CRE, no antigo palacete que pertenceu à sua família, no qual passou alguns anos de sua infância.

Foto tirada em 17 de março de 2004, por Paul Reis.

Nasci em São Paulo, em 31 de julho de 1929, na rua Frei Caneca. Meu nome completo é Joaquim Francisco Malheiro de Camargo Lima. Meus pais eram Jarbas de Camargo Lima e Maria Alice Malheiro de Camargo Lima. Os meus avós verdadeiros eram Simírames de Assunção Malheiro e José de Oliveira Malheiro. A minha avó faleceu e então os filhos foram criados por uma tia-avó, irmã da minha avó verdadeira, que eram os proprietários dessa casa e que foram, praticamente, os formadores desse ramo da família. Eram Maria Ilídia Alves Bonilha e Francisco Martins Bonilha. Eles eram da cidade de Capivari. E eles eram proprietários dessa casa a partir de, não sei bem ao certo, 1925, 1924, mais ou menos. Eles são originários dos

famosos antigos fazendeiros que começaram a cultivar o café a partir de 1890 e toda a fortuna que veio para família era originária do trabalho deles. Esse casal, Francisco e Maria Ilídia, casaram-se muito jovens em Capivari e compraram terras ainda incultas na região de Dourado, perto de Brotas. Lá eles formaram a primeira fazenda, e vovó tinha 17 anos e vovô tinha 18 anos. Eles foram de Capivari a Brotas e depois subiram a serra para Dourado, a cavalo. A mobília deles chegou 5 ou 6 dias depois, porque vinha em carro de boi, e eles dormiam em casinhas ... ranchos, em cima de colchões de palha, esperando a mobília. Depois é que construíram a atual sede. A fazenda lá chama-se Santa Maria, existe até hoje e pertence a um membro da família.



Sra. Maria Alice Malheiro Camargo Lima, progenitora do Sr. Joaquim, em foto tirada por volta de 1927-1928, na sacada do palacete da família, (atual CRE).  
Observa-se o piso que é ainda o mesmo até hoje e a grade de ferro, que foi substituída por outra em alvernaria.  
Foto do acervo da família.

### **A compra do palacete, atual CRE, pela família Bonilha**

Eu acho que essa casa aqui, foi resultado de parte da venda, da Fazenda Redenção, em Ipaussu. Na ocasião a fazenda era muito grande, só de matas virgens, tinha 400 alqueires. E matas virgens, naquela ocasião, o pessoal derrubava mesmo, e vendia a madeira. Naquela época o café estava no auge, então todos os fazendeiros ganharam muito dinheiro. Então havia os que aplicavam o dinheiro aqui em São Paulo comprando mais propriedades e os que iam viajar para a Europa.



Família Malheiro Bonilha, por volta de 1937-1938, na sacada do palacete, atual CRE.  
Da esquerda para a direita: Sra. Maria Ilídia Bonilha (na época proprietária do palacete), Sra. Júlia Ferraz Ferreira Malheiro, Sr. Sebastião Assumpção Malheiro, Sra. Maria Alice Malheiro Camargo Lima e as crianças: Maria Ilídia, Luiz Antonio, Joaquim, Semíramis e Jarbas.  
Acervo da família.

### **A vida no palacete que virou CRE**

Nesta casa eu passei grande parte da minha infância, porque eu nasci aqui em São Paulo. Mamãe casou-se aqui nessa casa. Foi um casamento bonito mas reservado... aquelas contingências da época. Então eu nasci, vim para cá, e fiquei. Os primeiros anos da infância devo ter passado aqui. Meus pais iam muito para a fazenda e voltavam. Então, quando eles iam para a fazenda, as crianças ficavam aqui. Então eu passei uma grande parte da infância aqui.

A nossa vida aqui na casa era uma vida infantil muito boa, porque tinha um quintal enorme e esse quintal tinha árvores de araçá, umas frutinhas muito gostosas, que as mudas eram proveniente da fazenda. Atraía muito passarinho. Aqui onde tem essas árvores hoje, havia um pé de magnólia, que dava aquelas flores brancas, bonitas, e ela floria muito bem na época da florada. O jardim era grande, dava a volta na casa.

Então as brincadeiras nossas eram jogar futebol, a meninada, os primos, a gente jogava futebol aqui na frente, e andávamos de bicicleta em volta da casa... apostar corrida. Hoje tem só um caminho estreito, mas ali era largo, dava para a gente apostar corrida de bicicleta.



Joaquim Francisco Malheiro de Camargo Lima, em 1929, com poucos meses de vida, em carrinho na sacada do palacete, atual CRE. Acervo da família



Joaquim Francisco Malheiro de Camargo Lima, por volta de 1935-1936, no jardim do palacete da sua família, atual CRE. Acervo da família

### **Trajetória escolar**

Quando chegou a época de estudar eu fui para o Colégio Stafford, aqui atrás, na Alameda Cleveland, e era um colégio particular... bem estruturadinho. Havia duas casas, a casa dos meninos e a casa das meninas. A casa dos meninos hoje já não existe mais, mas a casa das meninas é hoje onde estão fazendo o Museu da Energia, estão reformando o que foi uma residência de Santos Dummont, tem até uma reportagem nos jornais sobre essa casa.

O colégio Stafford onde eu fui ... bom, é melhor começar com uma coisa interessante. Primeiro eu fui para o colégio Rio Branco. E no Rio Branco, lá na Rua Doutor Vila Nova,

tive uma dificuldade grande de adaptação, principalmente com o método de ensino da professora terrível que eu nunca mais esqueci o nome, que chamava Dona Amélia, e fazia a gente estudar e era professora de tudo, no primeiro ano primário. Então eu tinha dificuldade com matemática, e me lembro que muitas vezes ela mandava ficar no quadro negro com o giz fazendo risquinhos para fazer as contas. Aquilo me dava uma aflição terrível. Então mamãe tirou-me de lá e me passou para o Colégio Stafford aqui atrás na Alameda Cleveland. Já era outro ambiente, a professora era mocinha, ao contrário da Dona Amélia que era uma senhora terrível. Mas a Dona Dalva, chamava-se Dalva Dias, ela me cativou logo e eu fiquei ... me entrosei bem com ela, e então aprendi as primeiras letras, as primeiras coisas com ela, dentro desse colégio que era o colégio de uma família. Eu me lembro do nome da diretora, Blandina Ratto, e o marido dela eu não me lembro o nome. Mas era ela o marido e dois filhos, que ajudavam na disciplina, e as aulas eram numa casa, tipo assim meio palacete e tinha umas edículas, e nas edículas tinham as classes. As classes eram pequenas, mas era um colégio muito ativo, muito interessante. Eu não sei se era por razões de orientação educacional, a gente estudava francês no primeiro ano primário.

Eu não me lembro se tinha outra matéria junto, de línguas, mas francês eu me lembro muito bem. As aulas eram agradáveis, não tinha pressão, como tinha por exemplo lá no Rio Branco.

No recreio a gente jogava bolinha de gude, jogava pião... trocava figurinha. Foi a época que apareceram aquelas balas com figurinha, de jogadores de futebol. No recreio era aquele comércio terrível de figurinhas. Era um colégio perto. Eu ia a pé, logo no primário. Mamãe acho que me levou alguns dias e depois eu aprendi o caminho, passava em frente ao Liceu Coração de Jesus e ia para lá. Então ia e voltava sozinho. No 1º ano, 2º ano, 3º ano primário, nunca tinha ninguém me levando. O clima era tão tranqüilo. E a gente passava por esse pátio em frente a Igreja do Coração de Jesus, onde hoje tem até uma polícia municipal lá, porque é um lugar terrível, deixou o carro lá, qualquer coisa, é muito assaltado. Mas na época era muito bom. Eu fiz até o quarto ano primário, aí prestei exame, se chamava admissão ao ginásio. Então aí eu fui para o colégio São Bento, porque meu irmão vinha da fazenda para cá e ficamos internos, no colégio São Bento. E vinha de bonde sempre passar o domingo aqui nessa casa. Depois dessa época foi vendida e essa parte escolar terminou, vamos dizer, a freqüência na casa da parte escolar. Quando eu voltava da aula, mamãe quando estava aqui em São Paulo, que ela ficava parte na fazenda, parte aqui, ela me pegava para fazer a lição de casa, naquela saleta que hoje é a

biblioteca infantil. Então ali ela ficava malhando em cima de fazer as lições, punha um pedaço de pão com manteiga desse tamanho na minha frente e ... comer e fazendo lição. E ela gostava de francês, então ela pegava o livrinho de francês e martelava. Mas foi bom, foi uma época muito agradável. E vovó também era enérgica. Não era tanto quanto mamãe, mas ela cobrava as lições também. Foi bastante agradável. Então depois chegou uma certa época que eu já estava mais graúdo e chegou a época de fazer exame para o ginásio. Aí eu fui estudar no colégio São Bento, onde mais tarde eu e meu irmão ficamos nesse colégio, mas internos. Aí já foi por volta de 40, 41, 42, na época em que essa casa então foi vendida. Nessa época é que ela foi vendida.



Joaquim Francisco Malheiro de Camargo Lima (em destaque com o nº 1) juntamente com professores e alunos do Colégio Stafford, que se situava na Alameda Cleveland, em Campos Elíseos, quando cursava o 2º ano primário, em 1938.  
Acervo da família.

## **O bairro de Campos Elíseos**

Esse bairro foi o bairro onde se localizaram as famílias que vinham do interior, os fazendeiros e outras pessoas que moravam em cidade do interior. Vieram para cá quando foi feito o loteamento aqui de Campos Elíseos. Depois essas famílias foram mudando-se para a Avenida Angélica e chegaram depois uma parte lá na Paulista.

### **A venda do palacete**

O motivo dessa venda era o seguinte: como nós estávamos internos no colégio, minha avó morava sozinha e meu tio, um dos filhos adotivos, morava lá para o lado da Brigadeiro Luís Antônio. Então, cada vez que havia qualquer movimentação política<sup>1</sup>, as ruas aqui do quadrilátero ficavam interditadas e a gente era difícil sair até para ir ao empório que era aqui pertinho e voltar. Tinha que se identificar, tinha que provar que morava nessa casa. Então meus pais e meus tios ficaram preocupados com vovó sozinha aqui na casa. Embora se freqüentasse muito ela acabava passando aqui só com uma dama de companhia. E ela acabou vendendo a casa para o governo do Dr. Adhemar de Barros, naquela ocasião, e nós nem o conhecemos. A venda foi feita através dos departamentos de patrimônio da época e nós não vimos, só assinamos a escritura para o governo.

### **A mudança para a Rua Augusta**

E mudamo-nos então naquela ocasião foi para a Rua Augusta, onde tem até hoje o local onde era a nossa casa. Tem uma galeria, chama-se galeria Ouro Velho, ou coisa assim. Então daí terminou a etapa aqui dos Campos Elíseos. Mas os Campos Elíseos foi uma coisa marcante na vida de todos os netos, por causa da casa e do estilo da casa, dormia-se muito aqui, e depois a família convivia muito, não só aqui em São Paulo, mas ia para a fazenda, porque vovó ainda continuava dona de parte das fazendas e ela era uma fazendeira forte, uma daquelas personalidades matriarcas, e ela custou, relutou muito em vender essa casa e ceder as fazendas para os filhos, porque também foi ficando de idade, e depois quando ela faleceu as fazendas que ainda estavam, passaram uma parte para meu pai, e outra parte para o meu tio irmão de minha mãe, que era Sebastião Assumpção Malheiro, e que tem essas fazendas de Dourado. Ele

---

<sup>1</sup> Pelo fato da casa ficar em frente ao Palácio de Campos Elíseos, que foi destinado a ser residência oficial do Governador do Estado de São Paulo, a partir de 1912, sendo seu primeiro morador o Conselheiro Rodrigues Alves. A partir de 1935 passou a ser sede administrativa do governo, até 1965, quando foi transferida para o novo prédio, no bairro do Morumbi, onde permanece até os dias atuais.

ficou com as fazendas de Dourado e mamãe ficou com as fazendas de Santa Lúcia. Então daí para frente a vida foi em outro local, mudamos de colégio, fomos para o Arquidiocesano, que tinha o bonde que passava lá na Avenida Paulista e ia direto lá para a Vila Mariana, e assim fomos chegando nessas épocas atuais.

Depoimento colhido, transcrito e editado pela equipe do Núcleo de Memória da Educação Paulista, do Centro de Referência em Educação Mario Covas - CRE, em 2004.